



## **Professor-artista em desbravamento**

Marcelo Forte

**RESUMO:** Este artigo pretende lançar algumas reflexões acerca dos processos de formação do professor-artista, tomando como perspectiva o conceito de desbravamento. Este conceito foi tramado a partir de explorações em lugares abandonados e, derivado de um projeto artístico, passou a fazer parte dos investimentos de pesquisa do autor. Neste sentido, o termo designado para a produção artística também ganhou forças para as questões teóricas, lançando vistas às saídas em busca da formação do professor de Artes Visuais pelos caminhos que compõem o professor-artista. Caminhos esses que ultrapassam os espaços formais de aprendizagem e nutrem-se da diversidade de ações realizadas ao longo dos processos de formação.

**PALAVRAS-CHAVE:** professor-artista; desbravamento; atravessamento.

**ABSTRACT:** This article intends to think about the processes of teacher-artist formation, taking as perspective the exploration concept. This concept was drawn from explorations in abandoned places and derived from an artistic project that became part of the research investments of the author. In this sense, the term designated for the artistic production also grew up with the theoretical questions. This possibility introduced another point of view about teacher formation in Visual Arts through the paths that compose the teacher-artist. These paths go beyond the formal learning fields and feed themselves with the diversity of actions carried out throughout the training processes.

**KEYWORDS:** teacher-artist; exploration; crossing.

Escrever é ao mesmo tempo auto avaliar-se. Já escrevi sobre ser professor-artista em outros momentos e percebo agora, ao voltar a escrever, que provavelmente direi coisas não ditas outrora e terei percepções diferentes das que tive em outros textos. Isso não faz mal. Inclusive, é deste ponto que quero partir para esta escrita. Somos incompletos e temos sempre algo novo a aprender e a dizer.

Por mais que nos debrucemos sobre determinado tema a ponto de explorá-lo ao máximo, sempre teremos outros acontecimentos a perpassa-lo e a nos contar coisas antes não contadas, a esclarecer pontos equivocados, a desmistificar ideias já assentadas.

Por estarmos sempre em movimento, pensar agora no professor-artista que sou e naquilo tudo que já escrevi sobre esses processos, faz-me querer apontar justamente para a



transitoriedade, para o devir, para tudo aquilo que pode vir a ser agregado nestes repertórios que constituem um campo de pesquisa, de docência e de produção artística.

Todos esses pensamentos, dúvidas e ponderações estiveram presentes em minha recente pesquisa de doutorado em Estudos Contemporâneos, pela Universidade de Coimbra, em Portugal. Com ela pude percorrer um caminho que ia sendo articulado na medida em que avançava. Partia de minhas próprias ações e buscava no encontro com o inesperado, possibilidades de abrir espaços para novas discussões.

Durante a investigação, assumi um posicionamento de professor-artista-pesquisador em devir desbravador. Talvez seja um termo complexo quando lido assim de imediato, mas na medida em que o texto avançar, será possível compreender por que cada uma destas palavras foi utilizada para este modo de ser que se apresenta.

Tenho formação em Licenciatura Plena em Artes Visuais pela Universidade Federal de Santa Maria. Optar pela licenciatura foi uma tentativa de aprender duas profissões, de artista e de professor, como uma "garantia" para o campo de trabalho.

O envolvimento com a produção artística aconteceu desde o início, com anseios e disposição para realizar o máximo de disciplinas e ateliês oferecidos pelo curso. Embora não tivesse a mesma disposição para com as disciplinas que me formariam professor, fui aos poucos sendo conquistado pela possibilidade da docência. Na medida em que os semestres avançavam e meu contato com a sala de aula se aproximava, um gosto em fazer parte da educação das Artes Visuais crescia.

Com as tais duas profissões alcançadas, passei também a perceber as conexões possíveis. Primeiramente, ainda na faculdade, com alguns professores. Depois, quando me lancei ao desafio de ser pesquisador. Levei minhas questões sobre a



formação de professores-artistas para o mestrado e, posteriormente ao doutorado.

Ser professor, para mim, foi desde o início um modo de ser que se preocupava também em ser artista e fazer das aulas momentos de experimentação artística. As vivências de ateliê, os conhecimentos sobre história da arte, meios, técnicas e linguagens contribuíram para o planejamento de aulas, para as ideias sobre os conteúdos e sobre a forma de abordagem e interação com os estudantes.

Não queria ser apenas um professor que cumpre a tarefa de dar aulas, levando um conhecimento específico para ser passado adiante. Desejava provocar questionamentos, estimular experimentações, desordenar o pensamento para que os estudantes pudessem organizá-los através da arte, percebendo a potencialidade da experiência através dos meios que a arte oferece.

Esses anseios não partiam somente de um desejo interior, mas de influências de outros educadores que passaram pela minha trajetória enquanto estudante. Alguns inclusive, que serviram de exemplo daquilo que eu não queria seguir.

O olhar e o fazer artístico desempenharam papel importante neste processo de constituir-me professor. A maneira como eu desenvolvia meus trabalhos e entregava-me às experiências, apresentavam-me meios para desenvolver a docência que eu pretendia.

Com a entrada no mestrado, aquilo que correspondia a uma vivência pessoal, um entrecruzamento do ser professor com o ser artista, passou a ser ponto central em minha pesquisa. E então percebi a existência também de um ser pesquisador em meio a essas produções.

A pesquisa já estava presente desde a licenciatura, através da exploração de materiais, de linguagens, de conteúdos para a docência, dos trabalhos teóricos voltados às



Artes Visuais e à Educação das Artes Visuais. Mas uma consciência esclarecida sobre meus processos como um pesquisador, só veio mais tarde.

Esta percepção colocou-me atento diante das ações desenvolvidas. Com isso, passei a adotar ferramentas que pudessem colaborar de alguma maneira para a apreensão de momentos que futuramente poderiam vir a ser pontos de referência para meus estudos. Os diários de pesquisa e a fotografia tiveram, já na fase de doutorado, papel relevante para a captura de instantes e memórias de situações vivenciadas neste contexto.

Ou seja, passei a registrar as diversas atividades desenvolvidas, para que em algum momento pudesse as colocar em perspectiva e compreender certos aspectos que perpassavam essas experiências e faziam com que meus modos de ser fossem vistos por mim como o de um professor-artista.

Mais uma vez percebi a capacidade de contaminação que um campo pode ter em relação ao outro. O repertório adquirido da arte e da docência, contribuíram com os propósitos da pesquisa e se atravessaram de modo a fazer-me entender o professor-artista-pesquisador que se constituía em cada etapa vivida.

Nesta fase, rodeado por diversas questões, experimentações e contextos, lancei-me à investigação considerando todos esses atravessamentos e aberto aos novos eventos que pudessem acontecer. Foi ao longo deste processo que um devir desbravador se instaurou em mim e em meus modos de fazer pesquisa, de ser professor e artista.

### **Desbravamentos para a formação do professor-artista**

No campo da pesquisa vamos, com o passar do tempo, adotando termos e encontrando formas de dizer aquilo que queremos. Muitas vezes esses termos já são conceitos muito discutidos e apenas nos apropriamos deles para seguir



pesquisando. Em outros momentos, precisamos inventar novas expressões, ou busca-las em espaços fora do meio em que estamos imersos.

Quando comecei a utilizar a palavra desbravamento, tinha em mim apenas uma ideia: adentrar espaços abandonados, perigosos por diversos motivos. Ou seja, era um enfrentamento, uma exploração sobre algo desconhecido, algo que poderia surpreender-me positiva ou negativamente.

Desbravar era, portanto, uma ação de abrir caminho por um espaço tomado por mato para chegar no interior de uma construção abandonada, onde muitas coisas poderiam acontecer, desde um desabamento até o encontro de um animal perigoso ou de uma pessoa a viver naquele lugar.

Em um primeiro plano, as incursões em lugares abandonados passaram a fazer parte de minha produção artística. Entrei em casas, hotéis, igrejas, escolas e fábricas do interior de Portugal, onde busquei as vistas mais tocantes para a produção de fotografias e vídeos, e por elementos que pudessem ser recolhidos para uma produção posterior, em ateliê. Dessa forma, resgatei fotografias, cartas, papéis diversos, agendas, chaves, botões, roupas, embalagens metálicas, livros e tantos outros materiais que renderam séries de desenhos, pinturas, assemblages, colagens e bordados.

Os desbravamentos e a produção artística a partir deles poderiam não ter relação alguma com o tema de minha investigação de doutorado, mas à medida em que ia refletindo sobre tais ações, percebia que minha formação enquanto professor, artista e pesquisador se constituía tal como as explorações por ambientes desconhecidos.

Para a realização da pesquisa, não havia um caminho traçado especificamente. Busquei por atividades, participei de seminários em campos de estudos diversos, fui à exposições, li autores das artes visuais, da educação, da filosofia, das



ciências sociais e também li poesia. Assisti filmes, documentários, viajei, produzi arte e escrevi artigos.

Tal como nos desbravamentos, entrar nesses universos diferentes, era sempre jogar com o inesperado. Embora eu soubesse que em uma fábrica de cerâmica abandonada eu provavelmente encontraria peças de cerâmica, sempre havia possibilidade de encontrar uma agenda ou um livro-caixa. Assim como ir a um seminário sobre a história da loucura, por exemplo, poderia render-me outros tantos assuntos fora do campo da psiquiatria.

Desbravar na pesquisa, foram todas essas saídas em busca de algo que ainda não sabia ao certo, mas que vinha enquanto uma necessidade. Sair da zona de conforto, ultrapassar as barreiras já construídas em torno dos temas das artes visuais e da formação docente, passou a ser determinante para esta formação do professor-artista que eu vivia e pretendia compreender.

Das várias recolhas que fiz de materiais abandonados, muitas peças ainda se encontram em um modo de espera para a produção artística. Mas, para os processos artísticos, recolher é, por si só, parte do projeto e, tão importante quanto o resultado plástico final. Para a formação do professor-artista, todas as ações realizadas também são parte do processo de ser. E, neste caso, não há um resultado final, pois não há uma formação que se complete. Estamos sempre em devir, num "infinito compor-se, uma constante transmutação do ser professor. Tecituras em movimentos de *desfeitu*ras..." (SANTANA & SANTOS, 2015, s/n.)

Ao perceber os desbravamentos como modo de ser na pesquisa, na docência e na arte, passei a compreender também de que forma aquilo que eu encontrava pelo caminho ia se atravessando pelos meus pensamentos e pelas minhas ações dentro de meu campo de estudo.



Quando li o livro *Diálogos* (DELEUZE & PARNET, 1998), percebi que o conceito de encontro abordado por Deleuze, vinha trazer aquilo que o desbravamento se propunha fazer. Ao desbravar, lançava-me a encontros, que poderiam ser com pessoas, mas também com lugares, textos, ideias, imagens e devires.

Em tudo havia potência para provocar algo nos modos de ser professor-artista, dos quais vinha pesquisando e tentando compreender. Mas isso só acontecia na medida em que me permitia viver certas situações e recolher de cada encontro aquilo que mais fazia sentido carregar comigo.

Dito isto, quero avançar neste texto com algo que muito colaborou para as minhas reflexões enquanto artista, professor e pesquisador nestes últimos anos: as imagens dos lugares abandonados. São caras para mim, pois fazem parte de um projeto artístico que tem se mostrado cada vez mais consistente em minhas produções. Mas para além disso, elas permitem que eu fale sobre tudo, tomando-as como fontes, como disparos.

Essas imagens já percorreram diversos ambientes e participaram de assuntos como o papel das Artes Visuais na escola do futuro, no II Seminário Internacional de Educação Artística, no Porto. Também foram mote para discussão em um colóquio sobre a pesquisa em Artes Visuais, na *Universidad Autónoma de Madrid*, além de participarem de outros textos e eventos.

Neste caso, elas vêm para que o texto siga falando sobre os processos de constituir-se professor-artista. Processos esses que, conforme tenho pontuado, dependem de uma série de desbravamentos por caminhos muitas vezes inesperados ou fora dos propósitos centrais de nossas ações.



Em alguns lugares visitados, como escolas, hotéis, fábricas e às vezes alguns casarões, deparei-me com corredores. Qual a sua funcionalidade? Para que servem os corredores? Se eu pudesse fazer estas perguntas aos leitores, talvez recebesse como resposta que se tratam de lugares de passagem, com início e fim e entradas para outros cômodos. Esta poderia ser, de fato, uma descrição lógica sobre eles.

Mas quando proponho olharmos para a imagem do corredor e pensarmos nos processos de formação do professor-artista, tomando o desbravamento como ponto de partida, o corredor deixa de ser um caminho com início e fim, deixa de ser apenas lugar de passagem e passa a ser lugar de permanência

---

<sup>1</sup> Todas as imagens apresentadas possuem as mesmas informações, por isso optei em não colocar legenda. Recebem o título de Projeto Desbravamento, foram produzidas entre 2016 e 2018 e fazem parte de meu acervo artístico.



temporária, caminho que nos lança a encontros com outros universos.

Não há um início e fim desejado. Há entradas e saídas sem ordem para segui-las. São paisagens dentro de paisagens que por vezes queremos povoá-las e em outras somos povoados por elas. Cada novo lugar que surge ao transitar pelo corredor, pode promover paradas mais ou menos prolongadas e provocar mudanças em nossas trajetórias. "São os encontros das singularidades que acentuam as diferenças potencializantes da vida, que nos fazem conhecer outros caminhos, e nos convidam a percorrê-los" (SANTANA & SANTOS, 2015, s/n.).

Os corredores abandonados nos colocam em trânsito descompassado. Temos de início a visão do fim, mas não sabemos quais os possíveis encontros teremos ao longo deste processo. Neste sentido, o fim perde a função, pois nossa finalidade muda a cada nova entrada, no contato com os diversos universos presentes no percurso.





Pelos processos de formação do professor-artista temos alguns encontros que demandam de um esforço particular para fazê-los acontecer. Temos de romper barreiras (físicas e do pensamento), abrir mãos de convicções e de medos para adentrar em novos lugares ou novas perspectivas. Nossa curiosidade também precisa estar ativa, assim como as vontades de conhecer, de aprender e de viver situações que não são necessariamente comuns às nossas rotinas.

Quando conseguimos atravessar essas fronteiras e acessar outros espaços, abarcamos uma série de eventos que podem contribuir para nossa formação ou simplesmente trazer-nos a percepção de que este lugar adentrado não nos interessa de todo. Recuar é possível, assim como procurar brechas e passagens para outros locais.

Participei de várias oficinas, seminários e conferências e posso dizer que algumas delas produziram pequenos atravessamentos em minhas produções, outras surgiram como furacões e outras ainda, não tiveram relevância alguma, poderiam simplesmente não terem acontecido em minha vida. Mas não há arrependimentos, há a constatação de que certas saídas em desbravamento me ensinam coisas que não estão exatamente presentes nelas.

Ao assistir a um seminário, por exemplo, em que tudo o que acontece é contrário àquilo que acredito e busco em minha pesquisa, possivelmente não sairei satisfeito com aquele momento. Mas isso talvez me fará pensar para além de tudo aquilo que já tenho assentado em meu pensamento. Novas ideias e argumentos surgirão para defender minha pesquisa e, se for o caso, ponderar sobre tudo que foi produzido até então.

É válido também para os encontros que temos em sala de aula, em ateliês de artistas e exposições, em conversas com amigos ou com engenheiros, advogados, serralheiros e



empregadas domésticas. Os encontros são sempre potências, positivas ou negativas, de maior ou menor intensidade e podem provocar atravessamentos inesperados.



O que nos desacomoda e tira nosso sossego, é sobretudo aquilo que nos impulsiona a sermos mais experimentados. Não há completude quando há fluidez. Na medida em que determinados assuntos passam a fazer parte de nossos interesses, outros tantos são colocados em gavetas, guardados ou simplesmente expulsos de nosso paraíso pensante.

Como professor de Artes Visuais, sempre retorno às aulas que tive enquanto estudante para buscar elementos que possam



ser aproveitados em minhas aulas. É curioso perceber que minha memória sempre me leva a pontos muito específicos de exercícios que realizei com determinados professores.

Foram quatro anos de faculdade, passando por disciplinas e ateliês de professores com gêneros e idades diferentes, que abordavam linguagens e técnicas artísticas diversas e, mesmo assim, meu pensamento se limita a apenas alguns momentos. Mas foram estes os momentos que marcaram minha experiência dentro daquele curso e, por isso seguem vivos a ponto de reverberarem em minhas aulas e oficinas, tomados por outros modos de fazer e lançados a outros públicos.

Ser professor-artista na perspectiva dos desbravamentos e encontros é também perceber que nem tudo precisa ser acomodado no espaço central de nossas práticas. “A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece.” (LARROSA, 2015, p. 18). Estarmos abertos às experiências não significa que temos de retirar de todas elas, pontos marcantes para nossa formação.





No entanto, encontramos muitas vezes nos lugares menos esperados, conhecimentos que precisávamos para seguir produzindo nosso caminho. A partir de Rogers (2014) podemos pensar nossa formação contando com os espaços formais, não-formais e informais. Segundo o autor, as aprendizagens acontecem em todos estes campos e as informais ocupam ainda um maior espaço em nossas vivências diárias. Porém, nem sempre damos atenção a elas, pois tratam-se dos eventos não institucionalizados, fora do meio acadêmico e profissional.

Assim, pode-se considerar que o que aprendemos para nossa formação, está imbricado a processos diversos, dentro e fora da universidade, em contato com a docência e com a arte, juntamente com situações do cotidiano, que podem estar nos passeios e viagens, nas relações pessoais, nas leituras e nos filmes que assistimos.





Ao longo de meus anos de pesquisa tenho pensado no que, onde e quem contribui para a formação de professores-artistas e obtive através de entrevistas, análises de componentes curriculares de cursos de Artes Visuais no Brasil e de meus próprios processos, algumas percepções.

Há uma combinação de fatores que colabora para que os estudantes de Licenciatura Plena em Artes Visuais, vislumbrem a possibilidade de articular arte e docência em seus modos de ser. As estruturas dos cursos, disciplinas e componentes curriculares são exemplos disso. Com eles, os futuros professores serão direcionados a experiências mais ou menos voltadas para o campo das artes.

A atuação dos professores também pode exercer influência sobre essas formações. O incentivo às conexões, ao pensamento reflexivo sobre os processos artísticos e docentes, à ampliação do olhar sobre determinada atividade pedagógica, pode marcar os anos de formação inicial dos estudantes.

Exemplo disto está no fragmento de uma narrativa de Assis (2010), sobre sua trajetória estudantil no curso de Licenciatura em Artes Visuais, na Universidade Federal de Goiás:

Ao lembrar as experiências mais significativas e que afetaram minha interação com o mundo estético e do trabalho, percebi que a disciplina Práticas Pedagógicas II contribuiu muito para a maneira como penso os tempos e os espaços escolares e como organizo meus processos metodológicos. Para o cumprimento do estágio supervisionado, exigido por essa disciplina, a professora Dra. Irene Tourinho sistematizou uma forma de organizar as práticas pedagógicas a partir de temáticas (Projetos) que atendiam tanto aos temas em discussão nas escolas quanto aos conhecimentos sobre Artes Visuais, como arte e artistas, arte e corpo, arte e meio ambiente. (ASSIS, 2010, p. 4-5)

Ao trabalhar a partir dessa sistematização, a professora Irene Tourinho apresentou uma forma de olhar para a docência em Artes Visuais e aprofundar a relação com a sala de aula, instigando nos estudantes a pesquisa sobre processos



artísticos, sobre o corpo na arte, sobre a arte e o meio ambiente, entre outros.

Mas para além do que o espaço institucional e o corpo docente podem fazer, estão os anseios individuais de quem busca por uma formação docente em Artes Visuais. Ao longo do curso, nas disciplinas artísticas e pedagógicas, há sempre a possibilidade de cada um buscar por aprofundamentos, ir além do que está proposto, questionar mais, experimentar outros caminhos.

Deixar-se capturar pelos intervalos, devanear e permitir-se mergulhos de Alice nos passeios por si, ou no completamente fora de si; percorrer-se sem medo de abrir portas, de beber elixires ou de enfrentar jaguadArtes [...] (Romaguera, 2011, p. 135)

O desejo individual se sobrepõe às demandas dos cursos e possibilita uma formação sempre em constante desenvolvimento. Querer ser professor-artista, portanto, está além do que se aprende em sala de aula ou em ateliê. São investimentos pessoais e escolhas para compor um repertório que seja atravessado pela docência e pela arte. São saídas em busca de elementos que contemplem as necessidades de integração do ser professor ao ser artista.



É o desejo que nos faz sair em desbravamento e é o desbravamento que nos possibilita encontrar meios para produzirmos em nós mesmos os professores-artistas que queremos ser. Temos diante de nós inúmeros caminhos e muitas vezes somos induzidos a um deles, sem termos chances de escolha. Mas na medida em que compreendemos que o trajeto não é linear e que podemos a qualquer momento abrir outras portas, romper barreiras e buscar por outras paisagens, conseguimos estabelecer uma trajetória que condiz com nossas vontades.

Quando desbravo uma casa abandonada, tenho diante de mim memórias de outras pessoas, objetos marcados pelo tempo e estruturas em processo de ruína que compõem outros universos naquele espaço. E quando olho para uma janela aberta, vejo que ainda há tantos outros para serem descobertos. E isso me faz seguir.



**REFERÊNCIAS:**

ASSIS, H. L. **Narrativas de aprender, narrativas de ensinar:** como venho aprendendo a ensinar artes visuais. *In:* Revista Digital do Laboratório de Artes Visuais. (1-18). Santa Maria. 2010. Acedido em 10/07/2016, em <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/2139>

DELEUZE, G. & PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Escuta. 1998.

LARROSA, J. **Tremores:** escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2015.

ROGERS, A. **The Classroom and the Everyday:** The importance of Informal Learning for Formal Learning. *In:* Investigar em Educação: Revista da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. (07-34). Portugal. 2014. Acedido em 12/03/2018, em <http://pages.ie.uminho.pt/inved/index.php/ie/article/view/3>

ROMAGUERA, A. **e? e escrita e(m) educação**. *In:* Amorim, A.C.; Marques, D. & Dias, S.O. (Orgs.) Conexões: Deleuze e vida e fabulação e... (127-141). Petrópolis: De Petrus; Brasília: CNPq; Campinas: ALB. 2011.

SANTANA, A. F. T. & SANTOS, A.C. **Um possível olhar acerca dos elementos que compõem o ser professor**. *In:* Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional. 2015. Acedido em 10/05/2017, em <https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/view/1172>